

A IDENTIFICAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS EM PRODUTORES RURAIS: PROPOSIÇÃO DE UMA ESCALA

Júlio Cesar Valandro Soares*

Ediene Malvina Dias**

Julliana Pereira da Cunha***

Wesley Aloisio Peixoto Junior****

Leonardo Pereira de Oliveira*****

Vicente Celestino Pires Silveira*****

RESUMO: O fenômeno do empreendedorismo, ou a figura do empreendedor, tem sido objeto de considerável debate na literatura, que se encarregou de rotulá-lo e defini-lo como um fenômeno marcado por numerosos estereótipos, estabelecendo celeumas acerca de sua noção conceitual e significado. Assim, a construção e a validação de instrumentos de pesquisa voltados para a identificação de características e competências empreendedoras passam a ter papel importante, se constituindo em ferramental para orientar ações de estímulo e consolidação de novos empreendimentos. Tomando como objeto de estudo o contexto rural, o objetivo deste trabalho é avaliar os dados, ainda incipientes, obtidos a partir da aplicação de uma escala estruturada para prospectar características e identificar o perfil empreendedor de agricultores de uma cadeia brasileira de produção leiteira. As primeiras avaliações indicam a necessidade de ajustes no instrumento de pesquisa em discussão, bem como do próprio processo de coleta de dados. Técnicas da estatística inferencial serão analisadas para adequações ao respectivo instrumento em construção.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo; Rural; Avaliação; Perfil; Empreendedor.

IDENTIFICATION OF ENTERPRISING CHARACTERISTICS IN AGRICULTURAL PRODUCERS: A SUGGESTED SCALE

* Doutor; Docente em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão - UFG/CAC; E-mail de correspondência: j-cvs@hotmail.com

** Graduanda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Goiás /Campus Catalão – UFG/CAC;

*** Graduanda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Goiás /Campus Catalão – UFG/CAC

**** Graduando em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Goiás /Campus Catalão – UFG/CAC

***** Graduando em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Goiás /Campus Catalão – UFG/CAC.

***** Doutor; Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

ABSTRACT: Entrepreneurship, or the image of entrepreneurs, has been debated in the literature which tagged them as a phenomenon marked by several stereotypes. It even provided strives on the notion and its meaning. The construction and validation of research instruments for the identification of enterprising characteristics and competence have an important role. They are a tool to direct stimuli and consolidation of new enterprises. Current research is a study on the rural milieu and evaluates data, albeit at the initial stage, from the application of a scale structured to foresee characteristics and identify the entrepreneur profile of agricultural producers within a milk-producing chain. First evaluations indicate the need for adjustments in the research tool and in the data collection process. Inferential technical statistics will be analyzed to fit them to the respective instrument under construction.

KEY WORDS: Entrepreneurship; Rural; Evaluation; Profile; Entrepreneur.

INTRODUÇÃO

O fenômeno empreendedorismo, ou a figura do empreendedor, tem sido objeto de importante debate por parte da literatura, a qual se encarregou de rotulá-lo e defini-lo como um fenômeno marcado por inúmeros estereótipos, estabelecendo uma verdadeira celeuma conceitual acerca de sua noção e significado. Conforme Valandro Soares, Silva e Peixoto Júnior (2010), nitidamente se percebe a ausência de consolidação conceitual sobre tais temas, tratando-se, portanto, de significados em disputa. Neste sentido, segundo os autores, o empreendedorismo enquanto fenômeno tem sido alvo de uma miríade de conceituações e inferências, o que suscitou controvérsias conceituais acerca de sua noção. De modo semelhante, inúmeras características são atribuídas à figura, ou ao sujeito empreendedor, tais como necessidade de realização, propensão ao risco, capacidade de planejamento, criatividade, visão, liderança, motivação, autoconfiança, entre outros. Por outro lado, a efetiva concepção e validação de modelos que permitam mensurar, quantificar e tangibilizar tais características, ao que parece, tem se mostrado um desafio relevante no âmbito da literatura que aborda este tema.

Ao tratar do fenômeno empreendedorismo, Gimenez, Inácio e Sunsin. (2001, p. 12) o consideram um atributo subjetivo e afirmam ser “uma tarefa difícil a quantificação de um atributo subjetivo, não havendo um teste ou instrumento

universal que possa ser considerado o estado da arte no campo”. Em seu clássico artigo, Carland e Carland (1996) entendem que há uma necessidade clara e urgente de estabelecer uma medida válida de empreendedorismo. A falta de tal medida, de acordo com os autores, tem confundido os resultados de investigações até o momento. Cooper, Hornaday e Vesper (1997) corroboram essas assertivas destacando que, embora sejam muitas as tentativas para definir e caracterizar o empreendedorismo, ainda há uma falta de consenso na determinação de suas características e métodos de avaliação.

Nesse sentido, Souza e Lopez Júnior (2005) apregoam que a construção e a validação de instrumentos de pesquisa, voltados para a identificação de características e competências empreendedoras, bem como de lacunas na formação do empreendedor, passam a ter papel importante para essa área de estudo, assim como para orientar ações de estímulo e consolidação de novos empreendimentos. Assim, apenas na medida em que as técnicas de meta-análise evoluírem, será possível se fazer melhores comparações entre os vários estudos que têm sido publicados, sugerem os autores. O estudo de Schwenk e Shrader (1999) é um bom exemplo de aplicação de meta-análise na área de pequenos negócios. Por outro lado, Oliveira et al. (2006) sugerem que a falta de congruência nos resultados não deve se configurar como um fator impeditivo para que se continue a buscar formas de identificação de traços de personalidade em empreendedores e se utilizar o conhecimento de que já se dispõe para a identificação de potencial empreendedor.

Veidt e Gonçalves Filho (2007) complementam esta discussão observando que vários livros, artigos e conferências têm inspirado pesquisadores a buscar identificar o perfil do potencial empreendedor. Apesar desses esforços e do crescente interesse sobre o assunto, existe uma lacuna no que se refere à existência de instrumentos válidos, capazes de mensurar este perfil quantitativamente, em suas diversas dimensões. Os autores sugerem que muitos estudos são realizados com o intuito de identificar os aspectos relacionados aos resultados e ao desempenho das empresas no contexto gerencial, mas poucos, ou quase nenhum, encontram-se estruturados em bases que associam o potencial do perfil empreendedor com o desempenho do negócio, buscando explicar o quanto esta integração impacta no sucesso e nos resultados dos negócios.

Nascimento et al. (2007) fazem coro a estas constatações quando revelam que diversos estudos de avaliação, mensuração e propensão do potencial empreendedor, sob a ótica comportamentalista, têm surgido através de autores como Kristiansen e Indarti (2004), Nascimento Jr. (2005), Oliveira et al. (2006), Pereira e Costa (2006), entre outros. Por outro lado, Dutra e Previdelli (2003) advertem que, embora seja possível encontrar um grande volume de pesquisas sobre características do comportamento do empreendedor, estas não ocorrem com evidências empíricas que correlacionem tais características a empreendedores bem sucedidos ou fracassados no Brasil. Ainda nesta perspectiva, é importante salientar que, apesar de inúmeras pesquisas na área, o campo do empreendedorismo é bastante extenso e conflitante, principalmente quando se tenta rotular ou definir a figura do empreendedor. Isto ocorre pelo fato de o empreendedor aparecer em uma infinidade de situações, dificultando a criação de uma definição, que apesar de inúmeros teóricos já o terem feito, ainda não conseguiram contemplar com todas as suas particularidades (SALES; SOUZA NETO, 2004).

Cooper, Hornaday e Vesper (1997) atestam à juventude deste campo de estudo (empreendedorismo) o fato de que ainda não possam ser consideradas conclusivas algumas linhas de pesquisa desta seara. Essa não-conclusividade tem levado muitos pesquisadores a criticar linhas de trabalho de colegas, a exemplo de Sexton e Bowman (1984) que chamam a atenção para o fato de que em pesquisas sobre características psicológicas de empreendedores muitas vezes faltaram três elementos importantes em estudos desse tipo: confiabilidade, acurácia e validade, talvez em decorrência de só terem sido estudados empreendedores de sucesso. O uso isolado de fatores pessoais ou aspectos situacionais, através de modelagem, gerou muitas vezes baixo grau de poder explicativo na predição de atividades empreendedoras (KRUEGER JR.; REILLY; CARSRUD, 2000).

Santos (2008) entende que os resultados de pesquisas com empreendedores continuarão a levar a conclusões passíveis de controvérsia. Isso, no entanto, não invalida que se continue a investir nesse tipo de estudo. Apesar do que já se produziu, pouco se conhece, de fato, sobre o empreendedor. Nesse interesse renovado pela identificação de características, ou traços de personalidade, associados com potencial empreendedor, têm sido utilizados instrumentos já amplamente vali-

dados ou desenvolvidos. No contexto brasileiro, em especial, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), assim como outros pesquisadores, fazem uso do questionário padrão de Auto-Avaliação das Características de Comportamento Empreendedor, desenvolvido pelo *Management Systems International* (MSI) junto com a McBer & Company (AYRES, 2003; PINTER; SANTOS, 2001/2002; VIDAL; SANTOS FILHO, 2003). Podem ser citados, ainda, outros instrumentos, traduzidos e utilizados por acadêmicos brasileiros como o *Carland Entrepreneurship Index* (CEI), o *Team Factors Inventory* (TFI) (GIMENEZ; INÁCIO JR., 2002) e o *Cuestionario Grande Esteban* (SANTOS; DANTAS; MILITO, 2003).

No contexto do agronegócio, o empreendedorismo também é objeto de discussões, inclusive em abordagens inerentes a empresas de pequeno porte, ou propriedades rurais de pequeno porte, tipicamente propriedades rurais familiares. Neste sentido, cabe referenciar que em diversos setores do agronegócio, como o de produção primária de leite, a maioria das organizações é familiar. Essas organizações, muitas delas inseridas no contexto de sistemas agroindustriais e em cadeias produtivas, têm tido desafios importantes em termos de relações mercadológicas e de crescimento e sustentação no cenário contemporâneo.

Tratando-se da cadeia produtiva brasileira do leite, pode-se registrar que a mesma passou por um conjunto de transformações importantes a partir dos anos 90, além de apresentar algumas peculiaridades inerentes à sua configuração e operação. Neste sentido, é possível destacar algumas, tais como a carência de coordenação entre agentes da cadeia (produtores e usinas), a redução do nível de serviço aos produtores por parte de usinas, com conseqüente aumento do custo de produção dos produtores rurais e a desregulamentação do mercado, após décadas de controle governamental sobre tais preços. Sublinha-se, também, a emergência de blocos regionais (Mercosul) e a abertura do País ao mercado exterior (globalização), a consolidação do Plano Real e a mitigação do processo inflacionário que pairava no Brasil há décadas, a implementação de mudanças institucionais protagonizadas pelo poder público ao SAG (sistema agroalimentar) do leite a partir de 1991, como a transferência da fiscalização do leite para Estados e Municípios, além da própria evolução de processos logísticos no contexto brasileiro e do recrudescimento da oferta e da demanda do “leite longa vida” no mercado de lácteos.

Com efeito, esta nova configuração em termos de ambiente suscitou a necessidade de ações que visaram galgar melhores performances no contexto da cadeia produtiva brasileira de leite, como o aumento do padrão sanitário dos produtos lácteos, a organização da produção e o acesso à informação, enfim, exigências de produtividade e escala de produção, aliadas à qualidade da matéria-prima obtida a custos cada vez mais baixos, sobretudo pelo crescente interesse do Brasil na sua inserção no mercado internacional. Inexoravelmente essas demandas passaram a exigir, e ainda exigem, dos *stakeholders* (pessoa, grupo ou entidade com legítimos interesses nas ações e no desempenho de uma organização e cujas decisões e atuações possam afetar, direta ou indiretamente, essa organização ou outras) vinculados ao setor lácteo brasileiro uma capacidade adaptativa, talvez invulgar até então, no sentido de adequarem-se à nova realidade ambiental imposta pelo conjunto de transformações e contingências citadas.

Não obstante a discussão acerca da relevância de estudos inerentes ao fenômeno empreendedorismo no meio rural, pode-se argumentar que a falta de um conjunto de escalas validadas para a construção de medição das características empreendedoras é uma realidade e dificulta sobremaneira a investigação neste domínio. A literatura tem apregoado que uma das principais dificuldades encontradas pelos pesquisadores que tentam compreender o papel do empresário no desempenho de um novo empreendimento é a ausência de uma maneira confiável para medir diferenças no comportamento empresarial, e tem destacado que há uma necessidade clara e urgente de estabelecer uma medida válida de empreendedorismo. Alguns autores atentam que inúmeros instrumentos, ou escalas, têm sido desenvolvidos e testados em todo o mundo para tentar avaliar o perfil empreendedor. Entretanto, esses instrumentos apresentam resultados contraditórios em suas inferências, quando cotejados.

Pode-se complementar que embora se perceba a existência de muitos instrumentos/escalas voltados à avaliação de perfil empreendedor, constata-se a falta de um desenvolvido localmente (contexto brasileiro). Alguns autores referem que não foi encontrada ainda, produzida no Brasil, uma escala que atenda as condições de facilidade de aplicação, tendo sido validada e não sofrendo restrições quanto ao seu livre uso.

Em se tratando de meio rural, a lacuna supracitada é mais exacerbada, sendo que a ausência de estudos neste meio é um fato. Sendo assim, na perspectiva de contribuir com a discussão acerca desta temática, o objetivo deste trabalho é avaliar o instrumento de pesquisa ora proposto (ou escala), tomando por base dados, ainda incipientes, obtidos a partir da aplicação de tal instrumento de pesquisa estruturado para prospectar características e identificar o perfil empreendedor de agricultores de uma cadeia brasileira de produção leiteira. Não é objetivo deste trabalho discussões de natureza semântica acerca do objeto de pesquisa, por isso a adoção das terminologias “instrumento de pesquisa” e “escala” para identificar tal objeto.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo pode ser classificado como exploratório, à medida que se configura como uma primeira análise de dados coletados a partir da aplicação de um instrumento de pesquisa (pré-teste) que deliberadamente foi construído visando identificar o perfil empreendedor de produtores rurais.

O instrumento de pesquisa (ou escala) em discussão foi estruturado a partir de uma série de etapas até ser submetido a um pré-teste. Inicialmente foi proposta uma primeira versão do instrumento com base em bibliografia da temática em questão. Esta primeira versão contou com 26 atributos (questões) a serem respondidos dentro de uma escala de Likert de 11 pontos. O instrumento (ou escala) contava também com questões de cunho socioeconômico.

As propostas que subsidiaram a gênese desta primeira versão foram o método de Kristiansen e Indarti (2004), o Instrumento de Mensuração da Atitude Empreendedora (IMAE), de Souza e Lopes Júnior (2005), o modelo de equações estruturais de Maciel (2007), a Escala PPE (Perfil do Potencial Empreendedor de Veit e Gonçalves Filho (2007) e a Escala de Potencial Empreendedor (EPE) de Santos (2008). Todas estas proposições, convém sublinhar, utilizaram-se dos constructos propostos por McClelland, ou seja, necessidade de realização, planejamento, poder e intenção de empreender. Os 26 atributos incorporados nesta versão seminal foram enquadrados nos constructos “Necessidade de realização”, “Lócus de contro-

le”, “Intenção empresarial”, “Inovação”, “Planejamento”, “Poder”, “Desempenho” e “Propensão ao risco”. Este enquadramento foi estruturado a partir das referências pesquisadas e que embasaram a proposição.

Esta primeira versão foi submetida a uma apreciação de 48 pesquisadores da área, sendo que desses, quinze responderam. Fundamentando-se nessas respostas, uma nova versão (a segunda) foi concebida. A segunda versão contou com dezenove atributos a serem avaliados, no contexto de uma escala de Likert, agora de cinco pontos (conforme a proposta seminal de McClelland), além das questões qualitativas de cunho socioeconômico.

Na segunda versão, portanto, restaram 19 atributos, referentes aos constructos “Necessidade de realização”, “Lócus de controle”, “Intenção empresarial”, “Inovação”, “Planejamento”, “Poder” e “Propensão ao risco”. Os itens do constructo “Desempenho” foram realocados para serem respondidos em caráter categórico e não contínuo.

Esta versão foi submetida a um pré-teste junto a uma amostra não probabilística por conveniência de produtores rurais, oportunidade em que foram entrevistados 37 produtores. Estes produtores entregam suas produções leiteiras a uma cooperativa integrante da referida cadeia, a Coacal Essa experiência permitiu um refinamento ainda maior na escala, no sentido de que esta se mostrasse efetiva quando aplicada ao contexto rural, mais precisamente, neste caso, a produtores de leite do sudeste goiano. Os dados coletados no pré-teste foram examinados em termos da fidedignidade e consistência interna da escala utilizada para identificar o perfil empreendedor de produtores rurais. Para tal, o parâmetro utilizado foi o Alfa de Cronbach. Considerando a amostragem da pesquisa realizada, o valor encontrado para este parâmetro foi de 0,79, o que pode ser considerado como aceitável. Para Malhotra (2001), o valor do corte a ser considerado para este parâmetro é 0,60, isto é, abaixo desse valor a fidedignidade da escala é considerada insatisfatória. Não existe um valor padrão para o Alfa de Cronbach ser considerado bom (KLINE, 1998). Hair Jr. et al. (2005) consideram baixo um valor inferior a 0,6 e, entre 0,6 e 0,7, moderado. Morales Vallejo, Urosa Sanz e Blanco Blanco (2003) veem como questionáveis alfas inferiores a 0,6. Kline (1998) diz que se o alfa for inferior a 0,5 pode ser que se tenha 50% da variância observada sendo decorrente de erro aleatório.

Portanto, o valor de 0,79 encontrado mostrou-se adequado em termos de fidedignidade e consistência interna da escala. Essa experiência forjou uma nova versão da escala (instrumento de pesquisa), a terceira, inserindo, em cada atributo, exemplos de atividades típicas de produção de leite, como forma de facilitar e tornar o processo de entrevista mais fidedigno. Na terceira versão, o número de atributos foi reduzido para quinze, alteração definida a partir das impressões da equipe envolvida na aplicação do pré-teste. Da versão anterior, por conseguinte, quatro atributos foram suprimidos. A terceira versão, com quinze atributos, foi aplicada na coleta definitiva dos dados para a testagem final desta proposta. Os quinze atributos restantes estão atrelados aos constructos “Necessidade de realização”, “Lócus de controle”, “Intenção empresarial”, “Inovação”, “Planejamento”, “Poder” e “Propensão ao risco”.

Na sequência iniciou-se o processo da aplicação definitiva da escala proposta. Entretanto, após a aplicação da terceira versão, no dia 25/02/2011, que seria a final, uma quarta versão foi proposta, a partir da inserção de mais exemplos de atividades típicas de produção de leite, pois, segundo os pesquisadores, estes exemplos facilitam a relação entrevistado-entrevistador em termos de entendimento e interpretação dos atributos no que se refere à identificação do perfil empreendedor do sujeito entrevistado. Esta se configurou como a versão final da escala.

De posse dos dados coletados, buscou-se verificar a fidedignidade da escala de Likert utilizada, através do Alfa de Cronbach, além de avaliar as respostas dos entrevistados propriamente ditas utilizando-se de parâmetros da estatística de dispersão e tendência central. Também se procurou avaliar as impressões dos entrevistadores acerca do processo de entrevistas (coleta dos dados).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte deste trabalho estão expressas as análises já relacionadas anteriormente na descrição dos materiais e métodos. Sendo assim, primeiramente estão apresentados aspectos descritivos que melhor caracterizam e identificam todos os produtores pesquisados, e posteriormente são procedidas análises referentes ao instrumento propriamente dito.

3.1 ANÁLISE DESCRITIVA

Quanto à idade, 87% dos pesquisados têm acima de 50 anos e 31% acima de 60 anos. A idade média dos entrevistados é de 57 anos. Em se tratando de escolaridade, quase a metade dos produtores entrevistados possui primeiro grau incompleto, sendo que 60% possuem até o primeiro grau completo. Apenas 5% possuem curso superior completo. Quanto ao tamanho da propriedade dos pesquisados, constatou-se que praticamente 40% dos entrevistados possuem até 22 hectares (ha), e 68,3% possuem até 85 ha. Menos de 5% possuem mais do que 200 ha. A área média das propriedades objeto desta pesquisa é de 75 ha, mas com variabilidade relativamente alta (coeficiente de variação (CV) = 107%), ou seja, constata-se uma dispersão expressiva em se tratando do tamanho das propriedades desta pesquisa. Em termos de volume mensal de leite entregue à Coacal, 65% dos produtores entregam até 3000 litros. O volume médio mensal de leite entregue à Coacal por parte da amostra de produtores respondentes é de 3.262 litros, mas novamente percebe-se uma alta variabilidade (CV = 76%). Estas variabilidades podem estar indicando uma heterogeneidade quanto ao perfil de propriedade, seja em termos de tamanho e/ou de produção de leite.

Também foi indagado aos entrevistados sobre o crescimento da atividade nos últimos anos e sobre o retorno financeiro obtido nos últimos anos. Dos pesquisados, 58% admitiram crescimento em suas atividades produtivas nos últimos anos e 71% afirmaram que a propriedade vem apresentando bom retorno financeiro nos últimos anos.

3.2 ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE PESQUISA (ESCALA) EM CONSTRUÇÃO

Em se tratando do instrumento de pesquisa propriamente dito, um primeiro exame relaciona-se à fidedignidade e consistência interna da escala utilizada para identificar o perfil empreendedor de produtores rurais, segmentando-se as análises nos dados do pré-teste e nos dados das demais coletas. Para tal, o parâmetro utilizado foi o Alfa de Cronbach. Considerando os dados do pré-teste, o valor encontrado para este parâmetro foi de 0,79. O valor encontrado considerando os demais dados

foi de 0,68. Estes valores podem ser considerados aceitáveis. Para Malhotra (2001), o valor do corte a ser considerado para este parâmetro é 0,60, isto é, abaixo desse valor a fidedignidade da escala é considerada insatisfatória.

Sobre a consistência interna é importante destacar que, quanto menor o número de atributos, tendencialmente menor será o Alfa de Cronbach. Neste trabalho, já foi observado que na montagem do instrumento de pesquisa deliberadamente se procurou pautar pelo enxugamento do mesmo em termos de atributos, em função do contexto da pesquisa (meio rural). Diante disso, esta medida de consistência interna (Alfa de Cronbach), embora tenha se mostrado razoável, poderia apresentar valores mais alentadores. Nesse sentido, para testar o impacto da inserção de novos atributos na escala em termos de consistência se processou a profecia de Spearman Brown, que simula justamente este cenário. Ao se realizar este teste, considerando a duplicação do número de atributos da escala utilizada, ou seja, 30 atributos, o Alfa de Cronbach subiu para 0,86, ou seja, um valor consideravelmente superior se comparado à escala de quinze atributos.

Referindo-se ao instrumento de pesquisa aplicado no pré-teste, os resultados inerentes aos dezenove atributos de tal instrumento de pesquisa mostraram a presença de variabilidade importante tomando como parâmetro o coeficiente de variação, cujo valor recomendável estatisticamente é que este esteja abaixo de 30% para que se considere a média como indicador representativo da amostra em pesquisa. Neste sentido, oito dos dezenove atributos tiveram coeficientes de variação abaixo de 30%, ou seja, menos da metade dos atributos. O coeficiente de variação médio encontrado foi de 32%, valor que pode estar apontando para a necessidade de ajustes no instrumento de pesquisa em discussão, e no próprio processo de coleta dos dados, os quais poderão culminar em resultados mais homogêneos, aceitáveis e confiáveis em termos de pesquisa, considerando as peculiaridades e idiosincrasias inerentes ao meio rural.

Tais dados também podem estar indicando que realmente os comportamentos dos produtores são heterogêneos (distintos) e, portanto, não obedecem a um dado padrão. Há que se considerar, entretanto, os depoimentos dos pesquisadores, os quais admitiram dificuldades na aplicação do instrumento e de diálogo junto aos produtores, sugerindo que deve haver uma melhor sintonia, entendimento e coerência entre os próprios pesquisadores quanto à interpretação dos conteúdos das

falas dos entrevistados.

Por outro lado, uma alternativa a ser analisada diz respeito à utilização de outras medidas de tendência central como parâmetros de análise em detrimento da média, tais como mediana e moda. Uma maior quantidade de dados poderá apontar uma solução mais adequada em termos de análises e inferências. Não obstante, nesta perspectiva uma solução apontada pelos pesquisadores, e incorporada na versão posterior do instrumento de pesquisa, refere-se à incorporação, em cada atributo, de exemplos práticos característicos do meio rural, em termos de ações, atividades, atitudes e situações como forma de propiciar um melhor entendimento, por parte do entrevistado, acerca do que se busca capturar em termos de perfil empreendedor do próprio produtor rural.

Considerando a versão após o pré-teste, assim como os dados obtidos nas coletas posteriores, identificou-se que os resultados atinentes aos quinze atributos desta versão (após o pré-teste) mostraram a presença de variabilidade importante tomando como parâmetro o coeficiente de variação, a exemplo da versão anterior. Neste sentido, apenas seis dos quinze atributos tiveram coeficientes de variação abaixo de 30%. O coeficiente de variação médio encontrado foi de 34%, valor próximo ao encontrado considerando os dados do pré-teste. Tais dados também podem indicar que realmente os comportamentos dos produtores são heterogêneos (distintos) e, portanto, não obedecem a um dado padrão.

Sobre esta versão, com menos atributos se comparada à anterior e com a inserção dos exemplos já referidos anteriormente, deve-se atentar, entretanto, para que o produtor entrevistado, ao responder cada atributo com o auxílio dos exemplos supracitados, explicita ao pesquisador características do seu perfil enquanto gestor da sua propriedade, e não externe apenas as respostas aos exemplos de cada atributo pesquisado.

Por fim, cabe lembrar que os modelos de avaliação de perfil empreendedor comumente propostos e validados pela literatura são estruturados com quantidades de atributos bem maiores se comparados a este em discussão. Neste sentido, é oportuno revelar que na estruturação deste instrumento de pesquisa, deliberadamente se procurou reduzir a quantidade de atributos como forma de adaptá-lo ao contexto rural, justamente pela suposição de que o produtor rural, em função de seu perfil

característico e peculiar, responderia de forma mais fidedigna a um instrumento de pesquisa mais “enxuto”. Nessa lógica, Santos (2008) observa que não é fácil se determinar o número de itens de uma escala. Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração a disponibilidade de tempo e a disposição das pessoas em responderem a um questionário. Para Malhotra (2006, p. 296), “a maioria dos entrevistados não está disposta a dedicar grande esforço para dar informações”. Por isso, o pesquisador deve procurar minimizar o esforço exigido do entrevistado.

Também norteado por esta lógica, buscou-se, deliberadamente, pautar a estruturação deste instrumento de pesquisa no sentido de se reduzir a quantidade de atributos como forma de adaptá-lo ao contexto rural, justamente pela suposição de que o produtor rural, em função de seu perfil característico e peculiar, responderia de forma mais fidedigna a um instrumento de pesquisa mais “enxuto”. Ainda nesta perspectiva, pretende-se fazer uso da técnica multivariada de análise fatorial, com o intuito de reduzir ainda mais, se possível, o conjunto de variáveis (características empreendedoras contempladas pelo instrumento de pesquisa) em fatores tornando suas interpretações mais claras, além de separar e agregar elementos que, muitas vezes, podem parecer indistintos. Para tal, será verificada a adequacidade da amostra através dos testes de *Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy (KMO)*, utilizado para avaliar a adequação da análise fatorial ao conjunto de dados coletados, e, ainda, o teste de esfericidade de Bartlett, que tem por objetivo examinar a hipótese das variáveis não serem correlacionadas na população. Ao longo do processo de análise fatorial deverá ser utilizado o método de determinação de fatores com base em *Eigenvalues* (Autovalores) superior a 1.

De igual modo, será utilizado o método dos componentes principais para a extração dos fatores, por acreditar-se que o mesmo é adequado para o caso desta pesquisa, com base no exame de outras pesquisas do gênero. Com estas análises deverão ser excluídos os itens menos relevantes e os que não apresentarem cargas fatoriais significativas, de modo a se encontrar uma solução fatorial mais simplificada. Nesta análise fatorial será utilizado o método de rotação ortogonal Varimax, no intuito de que os fatores utilizados sejam independentes uns dos outros. Este método procura minimizar o número de variáveis fortemente relacionadas a cada fator. Com essas análises, estima-se refinar o instrumento e identificar os fatores mais relevantes

considerando os dados a serem coletados e analisados na sequência desta pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de contribuir com a discussão acerca de modelos de avaliação de perfil empreendedor, o objetivo deste trabalho é avaliar os dados, ainda incipientes, obtidos a partir da aplicação de um instrumento de pesquisa estruturado para prospectar características e identificar o perfil empreendedor de agricultores de uma cadeia brasileira de produção leiteira.

Em termos do perfil dos entrevistados, a absoluta maioria tem acima de 50 anos e não possui segundo grau completo. Quanto ao tamanho da propriedade dos pesquisados, a área média das propriedades objeto desta pesquisa é de 75 ha. Em termos de volume mensal de leite entregue à Coacal, 65% dos produtores entregam até 3000 litros, sendo que o volume médio mensal de leite entregue à Coacal por parte da amostra de produtores respondentes é de 3.262 litros. A constatação de variabilidades expressivas quanto ao perfil de propriedade e produção de leite pode indicar uma heterogeneidade nestes quesitos nas propriedades pesquisadas.

Sobre o instrumento de pesquisa em discussão, constatou-se que o valor encontrado para o Alfa de Cronbach, tanto no pré-teste como na versão posterior, se mostra satisfatório. A análise dos dados coletados permitiu inferir uma variabilidade expressiva tomando como parâmetro o coeficiente de variação, particularidade que pode indicar que os comportamentos dos produtores são heterogêneos (distintos).

Por fim, é de bom alvitre revelar que na construção do instrumento de pesquisa em discussão, deliberadamente se procurou reduzir a quantidade de atributos como forma de adaptá-lo ao contexto rural, sendo que se pretende reduzir ainda com o uso de ferramentais da estatística inferencial.

5 AGRADECIMENTOS

Este trabalho recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG.

REFERÊNCIAS

AYRES, K. V. Incidência de estresse e características de empreendedorismo: contribuições e ameaças ao desempenho dos empreendedores de empresas incubadas. ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia, SP: [s.n.], 2003. 1 CD-ROM.

CARLAND, J. A.; CARLAND, J. W. **The Theoretical Bases and Dimensionality of the Carland Entrepreneurship Index**. Proceedings of the RISE 96, p.1-24. Conference, University of Jyväskylä, Finlândia, 1996.

COOPER, A. C.; HORNADAY, J. A.; VESPER, K. H. **The field of entrepreneurship over time**. Frontiers of Entrepreneurship Research, 1997 Edition.

DUTRA, I. S.; PREVIDELLI, J. J. Perfil do empreendedor versus mortalidade de empresas Estudo de caso do perfil do micro e pequeno empreendedor. ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia, SP: [s.n.], 2003. 1 CD-ROM.

GIMENEZ, F. A. P.; INÁCIO JÚNIOR, E. Investigando o Potencial Empreendedor e de Liderança Criativa. ENANPAD- ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, BA: [s.n.], 2002. 1 CD-ROM.

GIMENEZ, F. A. P.; INÁCIO Jr., E.; SUNSIN, L. A. de S. B. Uma Investigação Sobre a Tendência do Comportamento Empreendedor. In: SOUZA, E. C. L. de (Org.). **Empreendedorismo: Competência essencial para pequenas e médias empresas**. Brasília: ANPROTEC, 2001. p. 9-24.

HAIR JR., J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

KLIN, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling**. New York: The Guilford Press, 1998.

KRISTIANSEN, S.; INDARTI, N. Entrepreneurial intention among Indonesia and Norwegian students. **Journal of Enterprising Culture**, v. 12, n. 1, p. 55-78, march, 2004.

KRUEGER JR., N. F.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, v. 15, n. 5-6, p. 411-432, 2000.

MACIEL, C. de O. Comportamento empreendedor, locus de controle e desempenho: proposta e teste de um modelo de equações estruturais. In: ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2007.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de mercado: uma orientação aplicada**. Tradução de Nivaldo Montingelli Jr. e Alfredo Alves de Farias. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MORALES VALLEJO, P.; UROSA SANZ, B.; BANCO BLANCO, Á. **Construcción de escalas de actitudes tipo Likert**. Madrid: Ed. La Muralla, 2003.

NASCIMENTO, T. C. et al. Potencial Empreendedor em Alunos de Ensino Superior: Testando a Metodologia de Kristiansen e Indarti em Alagoas. ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2007.

NASCIMENTO JR., O. R. **Potencial empreendedor do empresário alagoano: proposição e validação de um instrumento**. 2005. Qualificação de Mestrado (Mestrado de Administração) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

OLIVEIRA, E. S.; BARRETO, R. R.; DANTAS, A. B.; SANTOS, P. C. F. Proposição de uma metodologia para avaliação do potencial empreendedor. ENCONTRO NACIONAL

DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO – ENEGEP, 26, 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, CE: [s.n.], 2006.

PEREIRA, C. E. C.; COSTA, A. C. S. Potencial empreendedor dos alunos do ensino médio em escolas públicas e privadas de Maceió. ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO – ENEGEP, 26, 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, CE: [s.n.], 2006.

PINTER, C. A. Z.; SANTOS, P. da C. F. dos. Potencial empreendedor: diferenças e similitudes entre estudantes da UFAL e da UNISUL. **Episteme**, v. 8/9, n. 24/25, jul./fev. 2001/2002.

SALES, A. H. L.; SOUZA NETO, S. P. Empreendedorismo nas Micro e Pequenas Empresas do Brasil. ENANPAD- ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PR: [s.n.], 2004.

SANTOS, P. da C. F. dos; DANTAS, A. de B.; MILITO, C. M. Identificação de potenciais empreendedores: um estudo exploratório comparando as metodologias de MSI/McBer e a de Grande. ENCONTRO NACIONAL DE EMPREENDEDORISMO - ENE, 5, 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, SC: [s.n.], 2003.

SANTOS, P. da C. F. dos. **Uma escala para identificar potencial empreendedor**. 2008. 364f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SCHWENK, C. R.; SHRADER, C. B. Effects of formal strategic planning on financial performance in small firms: a meta-analysis. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 17, n.3, p. 53-64, 1999.

SEXTON, D. L.; BOWMAN, N. B. Entrepreneurship education: suggestions for increasing effectiveness. **Journal of Small Business Management**, v. 22, n. 2, p. 18-25, 1984.

SOUZA, E. C. L. de; LOPEZ JÚNIOR, G. S. Atitude Empreendedora em Proprietários-Gerentes de Pequenas Empresas. Construção de um Instrumento de Medida – IMAE. ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 29, 2005, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: [s.n.], 2005.

VALANDRO SOARES, J. C.; SILVA, A. C. de P.; PEIXOTO JÚNIOR, W. A. O fenômeno empreendedorismo no meio rural – proposição de um modelo analítico. ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 30, 2010, São Carlos. **Anais...** São Carlos, SP: [s.n.], 2010.

VEIDT, M. R.; GONÇALVES FILHO, C. Mensuração do Perfil do Potencial Empreendedor e seu Impacto no Desempenho das Pequenas Empresas. ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2007. 1 CD-ROM.

VIDAL, F. A. B.; SANTOS FILHO, J. L. dos. Comportamento empreendedor do gerente proprietário influenciando na vantagem competitiva de uma empresa varejista de médio porte. ENANPAD - ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27, 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia, SP: [s.n.], 2003. 1 CD-ROM.

Recebido em: 02 de junho de 2011

Aceito em: 27 de agosto de 2012